

4. Como Agir

Um projeto de comunalidade, de convivência mútua local num mundo globalmente conectado, este é o novo desafio. Para que isto aconteça, a política deve encontrar novos meios de apresentar seus dados e informações. Ao invés de falar de solidariedade, deveria falar de amizade. Ao invés de falar de lucro, deveria falar de sustentabilidade. Ao invés de falar de sustentabilidade, deveria falar de comércio e qualidade de trabalho de artesões e pequenos empreendedores. E do amor que estes têm por seu material. Deveria livrar-se do ensaio, do relatório, do documento. Deveria reduzir o ciclo de produção de informações claras para SME e empreendedores solitários, ao adotar a prototipização rápida e as estratégias de pesquisa “*demo or die*” (“distribua um demo, amostra grátis, ou morra”). Deveria planejar, prover e pagar pela infraestrutura, já que a banda larga e *wireless* tornaram-se direitos humanos básicos, não demandas infraestruturais terceirizadas de um mercado aberto.⁶⁰ E é por isto que as batalhas em IP lutadas neste momento são tão irrelevantes para as possibilidades de ação política econômica no século 21.

Os vencedores são aqueles que puderem afastar-se das ideias de direitos de propriedade e patentes sobre coisas e licenças, para adaptar módulos específicos para serviços, como modelos de geração de dinheiro. Na *Contested Commons Conference* (Sarai/CSDS, Delhi, janeiro de 2005), uma quantidade impressionante de vozes argumentavam para ir além do Creative Commons (alguns direitos reservados), já que este modo de operar deixa as noções fundamentais de propriedade individual e direitos individuais a ideias específicas que uma pessoa possa conjurar intactas. Além dos fatos de que a noção de 'originalidade' é uma constelação histórica específica – pois num mundo em rede, todos os nodos valem-se dos mesmos dados publicados – esta ideia de ser o 'primeiro' em ou com algo é uma constelação sociocultural histórica ocidental específica, como se isso fosse de alguma relevância em nosso ambiente supermediado e em rede global.

Em *Evolution, Alienation and Gossip, The Role of Mobile Telecommunications in the 21st Century* (lit. Evolução, Alienação e Fofocas, O Papel da Telecomunicação Móvel no Século 21), Kate Fox diz que:

“A tecnologia de telefones celulares, própria da era espacial, permitiu-nos retornar aos padrões mais naturais e humanos da sociedade pré-industrial, quando vivíamos em comunidades pequenas e estáveis, e desfrutávamos de 'conversa fática' com uma rede social fortemente integrada”.⁶¹

De acordo com Fox, cerca de dois terços do tempo de nossas conversas são inteiramente devotados a tópicos sociais: “discussões de relacionamentos e experiências pessoais; quem está fazendo o quê e com quem; quem está *in* e quem está *out*, e os motivos destas classificações; como lidar com situações sociais difíceis; o comportamento e relacionamento de amigos, família e celebridades; nossos próprios problemas com amantes, amigos, colegas e vizinhos; a minuta da vida social cotidiana – numa só palavra, fofoca”.

Isto enfatiza a importância da noção de promulgação (*enaction*) que Varela delineia em

seu estudo *Ethical Know-How: Action, Wisdom and Cognition* (lit. Conhecimento Ético: Ação, Sabedoria e Cognição):

“Promulgação é a habilidade de negociar o viver cotidiano incorporado, num mundo inseparável de nossas capacidades sensoriomotoras”.⁶²

Para ele, esta noção é chave para a compreensão da ética na vida cotidiana. Ele imagina se o modo tradicional de estabelecer um conjunto de princípios éticos e axiomas (você deve fazer isto, não deve fazer aquilo...) é na verdade indicador de como as pessoas comportam-se quando confrontadas com decisões difíceis. O que você faz, pergunta ele, quando entra em seu escritório e vê sua colega pendurada no que parece ser uma conversa telefônica embaraçosa? Você não ficaria em silêncio total e tentaria sair do aposento sem ser notado? Essa não teria sido uma decisão ética? E você não esteve imediatamente convencido de que aquela era uma situação embaraçosa?

Varela imagina então se possuímos um tipo de senso ético. Um senso para negociar os encontros num nível cotidiano. Um mundo híbrido em rede precisa de uma noção de compreensão. Quais os critérios para seu desaparecimento bem-sucedido no fluxo local? O que acontece se você compreender? Sente-se responsável pelas implicações de sua compreensão? Quando você se sente responsável o suficiente para agir? E você deveria sentir-se responsável?

Bordas

Vimos o fim da guerrilha, já que estar em movimento não é mais diferente do que permanecer no mesmo lugar e defendê-lo. Nos limites extremos deste tipo de oposição encontramos a *innere Emigration* (emigração interna) definitiva, o suicídio de Menno ter Braak, quatro dias depois dos germânicos terem invadido a Holanda, e Ted Kaczynski, o Unabomber. Menno ter Braak tomou sedativos e dado a seu irmão uma injeção letal.

Mergulhada na filosofia nietzscheana de autonomia, e cada vez mais lutando para ser um *homme honnête*, ele poderia – tendo sido envolvido em atividades antifascistas na meia-idade – ter visto a lógica fascista da vida com muita clareza e não vislumbrar qualquer saída. A *Innere Emigration* dos intelectuais de meia-idade, retirando-se para suas próprias esferas mentais, não publicando, não falando em público, era algo simplesmente intolerável para ele, percebendo que isto havia se tornado ontologicamente impossível.

A estratégia do Unabomber – matando três e ferindo mais 23 – ao tentar fazer com que sua mensagem atingisse tanto uma comunidade de pesquisa quanto um público maior, causou muito sofrimento humano, levou-o à cadeia e pode ter tido efeitos adversos no sentido em que a busca por ele trouxe novas técnicas de vigilância. E no final, foi seu irmão que reconheceu o seu estilo.

Como a questão principal de seu pensamento é sua distinção entre tecnologia de pequena escala, sendo tecnologia “que pode ser usada por comunidades de pequena escala sem assistência imediata”, e a tecnologia dependente de organizações, sendo tecnologia que depende de organização social em larga escala”.

De acordo com ele, não existem casos significativos de regressão na tecnologia de pequena escala, “mas a tecnologia dependente de organizações de fato regride, quando a organização da qual depende entra em colapso”. Seus dois maiores pressupostos,

contudo, eram muito verdadeiros, sendo o primeiro deles que “se o uso de um novo item de tecnologia é inicialmente opcional, não necessariamente permanece opcional, porque as novas tecnologias tendem a modificar a sociedade de tal forma que torna-se difícil ou impossível de funcionar sem usar essa tecnologia”.

O segundo item previsto por ele é que o sistema pode entrar em colapso, e que se isso acontecer, “as consequências seriam muito dolorosas. Mas quanto maior se torna o sistema, mais desastrosos os resultados de seu colapso. De modo que se ele tem de entrar em colapso, que entre em colapso mais cedo do que tarde”. Se ele entrar em colapso, “pode haver um período de caos, um “tempo de perturbações”. Seria impossível prever o que emergiria desse tempo de perturbações, mas de qualquer forma a raça humana receberia uma nova chance.

Mais importante é o fato de que ele não se importava com argumentos socioculturais ou sociológicos. Ele deixou bem claro que “esta não deve ser uma revolução *política*. Seu objetivo será destronar não governos, mas a base econômica e tecnológica da sociedade atual”. Portanto ele advoga “uma revolução contra o sistema industrial”. Percebendo que não pode ser só bastão, ele tem uma cenoura para seguidores. Seu ideal positivo “é a Natureza. Isto é, a natureza *selvagem*; aqueles aspectos do funcionamento da Terra e suas coisas vivas que são independentes da administração humana e livres de interferência e controle humanos”. E é este o momento exato em que ele mesmo se torna uma posição histórica, já que em 2008, há apenas uma Próxima Natureza (manipulada/gerada por usuário/aprimorada) deixada entre nós, com a noção de Troca Climática assombrando-nos em qualquer metáfora, ou localidade real.

Em 2000, 47% da população mundial vivia em cidades. Em 2030, 60% da população mundial viverá em ambientes urbanos. O crescimento ocorrerá em países menos desenvolvidos, especialmente nas costas do Sul da Ásia. Mais de 58 cidades exibem populações de mais de cinco milhões de pessoas. 63 Uma dessas cidades será a anunciada Song Do City, “cidade ambiente” na qual todos os “sistemas de informação (residenciais, médicos, comerciais, governamentais, etc.) compartilham dados, e os computadores são construídos nas casas, ruas e prédios de escritórios”. A própria cidade exemplificará um modo de vida digital, a “*U-life*”. Esta é uma cidade de controle.

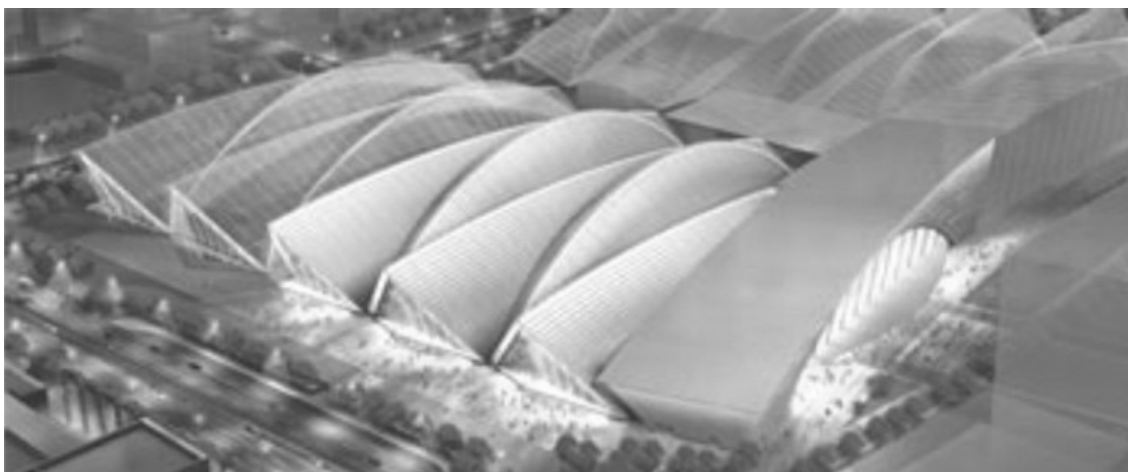


Figura 9 | Um vislumbre do futuro: Song Do City, Coreia do Sul.

Veja <http://blog.mediacatalyst.com/pivot/entry.php?id=93>

No outro lado de Song Do, encontramos cidades que implodiram sob o peso dos roubos corporativos e violência tribal. Esta é uma cidade feral:

“Imagine uma grande metrópole cobrindo centenas de quilômetros quadrados.

Antes um componente vital numa economia nacional, este ambiente urbano disseminado agora é uma vasta coleção de prédios arruinados, uma placa de Petri imensa, cheia de doenças antigas e novas, território onde o domínio da lei foi há muito substituído pela quase anarquia, na qual a única segurança disponível é aquela conseguida pela força bruta. Tais cidades foram rotineiramente imaginadas em filmes apocalípticos e em certos gêneros de ficção científica, onde são muitas vezes retratadas como versões gigantescas do *Rat's Alley* de T. S. Elliot. Ainda assim, esta cidade continuaria globalmente conectada. Possuiria pelo menos uma certa quantidade de ligações comerciais, e alguns de seus habitantes teriam até mesmo acesso à mais moderna comunicação do mundo”.⁶⁴

Em algum ponto entre as duas, encontramos a cidade da confiança. Ela ainda não existe. Teremos de construí-la. Ela surge da percepção de que, num mundo em rede, software e hardware de conteúdo livre e pequena escala – feito e usado por artesãos – não tem de permanecer fisicamente local, mas pode viajar através de amigos, por todo o mundo. Aqui os dois modos de oposição são exemplificados por Katherine Albrecht (ativista da privacidade em CASPIAN e coautora de *Spychips*) e Melanie rieback (pesquisadora da Vrije Universiteit, em Amsterdã). Melanie escreveu o vírus RFID e o tornou um RFID Guardian⁶⁵ – ferramenta que permite bloquear alguns marcadores e aceitar outros – demonstrando que a privacidade projetada não é apenas cultural e socialmente produtiva, mas está de acordo com a lógica comercial, fomentando a privacidade como um ponto de venda singular.

O RFID Guardian é uma ferramenta de pequena escala que pode nos ajudar a organizar nossas configurações de privacidade, dado que tenhamos uma infraestrutura de código aberto e normas de privacidade negociadas (minhas configurações no telefone aprimorado por leitor de RFID guiam-me através de lojas e pelo supermercado).

Katherine Albrecht⁶⁶ assumiu a liderança como um especialista em privacidade de consumo, em desenterrar numerosas patentes dúbias de RFID, e expressar sua preocupação quanto à falta de princípios éticos no rastreamento de consumidores. Em nossas discussões, no decorrer dos anos, percebemos que ambos estavam observando mais que uma operação logística, mas uma transição de paradigma tecnológico, que sentimos perigosamente perto de nossas almas.

Para minha alma, sinto que é o próprio espaço que está prenhe de significados, de poesia, de amor, preenchido com binários que encaram-me como um conjunto de características, não mais humano, como se celebrando minha confusão, os instantes limítrofes, todos esses momentos prolongados em que a não ocorrem ações. Talvez a cidade da confiança este nesses momentos.

Confiança, desconfiança e informação

Tomei emprestada toda a história de Lequeux, Lorde Northcliffe e Coronel Edmonds, de Phillip Knightley, que descreve em seu livro *The Second Oldest Profession: The Spy as Bureaucrat, Patriot, Fantasist and Whore*.⁶⁷

Por volta de 1906, o autor William Lequeux, que acreditava que a Alemanha tinha pelo menos cinco mil espões na Inglaterra, conseguiu convencer o Marechal de Campo Lorde Roberts a ser coautor de um registro ficcionalizado da invasão germânica, a ser serializado no Daily Mail. Lorde Northcliffe, proprietário do jornal, não estava feliz com a viagem que eles haviam planejado, já que levava os germânicos por áreas onde o Daily Mail mal era lido. Northcliffe pessoalmente redirecionou o exército invasor. A

publicação foi um sucesso estrondoso. Mesmo quando publicado como livro, “A invasão de 1910” vendeu mais de um milhão de cópias.

Quando o Coronel James Edmonds, chefe da contrinteligência militar, falando perante um subcomitê do Comitê de Defesa Imperial na terça-feira, 30 de março de 1909, tentou persuadir seus membros a alocar mais que as 200 libras e dois assistentes que lhe foram designados, ele falava a uma audiência muito receptiva, que queria desesperadamente que ele os provesse de prova que justificasse suas suspeitas de que a Inglaterra estava cheia de espões germânicos. Mas o Coronel Edmonds não tinha nada além de rumores e recortes de jornal para os oferecer. Veio a seu auxílio William Tufnel Lequeux.

Em 1909, William Lequeux publicou *Spies of the Kaiser: Plotting the Downfall of England* (lit. Espiões do Kaiser: Tramando a Derrocada da Inglaterra), que era “baseado em um fato sério de meu conhecimento pessoal”. Milhares de leitores o consideraram – já que tinham todo o direito de fazê-lo em vista da apresentação ambígua de Lequeux como fato com roupagem ficcional” como algo totalmente verdadeiro. Uma onda de febre de espões varreu o país. Leitores enviaram cartas a Lequeux nas quais reportavam incidentes que espelhavam os casos apresentados no livro. Isto por sua vez reforçou as próprias visões do autor – já que muitas pessoas observavam o mesmo comportamento suspeito que este notava.

Estas cartas foram apresentadas por ele como novas evidências ao Coronel Edmonds, que por sua vez preparou-as como um catálogo de 'Casos de Alegada Espionagem Germânica' e apresentou-as à segunda reunião do subcomitê em 20 de abril de 1909. A coisa mais interessante no catálogo é que os casos de Lequeux – casos apresentados por ele em seu romance – são, como escreve Knightley, facilmente identificáveis.

O subcomitê do Comitê de Defesa Imperial ficou estarecido com a massiva penetração de espões germânicos na Alemanha, e votou para fundar o Serviço Secreto, o primeiro serviço de espionagem moderna do mundo. Apenas um agente dos vinte e um espões que os britânicos prenderam em 4 de agosto de 1914, quando a Alemanha declarou guerra à América, foi levado a julgamento. O que é fato e o que é ficção? O que é real? O que não é real? O que são dados? O que não são dados? Real para quem? Isso importa?

Mas, poder-se-ia dizer, o que pode ser mais real que fatos? Para responder a isto temos de nos voltar à Sra. Oliphant, uma influente romancista e crítica do século 19. Diz ela:

Os fatos, de todas as coisas do mundo, são as mais falsas à natureza, as mais opostas à experiência, as mais contraditórias à todas as grandes leis da ciência... para nós, verdade e fato são coisas diferentes; e dizer que algum incidente que é falso à natureza é retirado da vida é uma desculpa totalmente insatisfatória e inadmissível”.⁶⁸

Ontologicamente, isto é bastante confuso, até que você perceba a chave aqui, 'para nós'. 'Nós' é o conjunto de protocolos que pode decidir quais as grandes leis da existência. 'Nós' é interesse velado. 'Nós' é capitalismo. Desde a violência pura ao poder despido, ele vestiu-se de diversos disfarces, nos séculos passados, sendo o último deles a vergonhosa charada democrática em que nos dizem que vivemos.

Os mesmos mecanismos ocorrem no momento atual; nossos Lequeuxs podem ter diferentes nomes. A pista falsa pode ter outro caráter (*The red herring might have a different color*, brincadeira linguística indecifrável, arenque vermelho equivale a pista falsa, em inglês). Uma boba explode em algum lugar. E daí? O sofrimento causado pela bomba é diminuído pelo gasto de 1 bilhão de libras a mais em reformas de segurança, do que o gasto anual atual (2007) e uma triplicação de fundos para esse fim, desde os

ataques de 9/11 nos Estados Unidos? ⁶⁹ Isto vai parar outros ataques? E mesmo que parasse, justifica instalar a desconfiança e o medo, como resultado? Com base em algumas pistas vagas, a Bélgica soou o alarme no Natal de 2007. Todas as agências de segurança pediram e receberam um orçamento maior para contra-atacar estas alegadas ameaças, aumentando-o coletivamente para 130 milhões de euros, em 2008. Estas não são reações adequadas.

Security reforms

In the wake of the 9/11 attacks the government began raising national security spending, taking it to approximately £3bn by this year.

Shortly after becoming prime minister, Mr Brown said there would be a new Office for Security and Counter-Terrorism co-ordinating efforts across government and the various security agencies.

HOME OFFICE EXTRA CASH

- + 2008-09: £546m
- + 2009-10: £728m
- + 2010-11: £1.1bn

Source: Comprehensive Spending Review

Figura 10 | O gasto em segurança nacional e contraterrorismo na Inglaterra aumentará em 1 bilhão de libras.

Reação Adequada

Na II Guerra Mundial, os alemães – numa tentativa de confundir os pilotos Aliados – cobriram grandes áreas de redes ou estruturas de madeira pintadas. Uma noite, um único avião RAF voava sobre a 'vila' e jogava uma bomba de madeira. ⁷⁰

Saio andando

“E quando o público desaparecer, também desaparece o público, como [...] adequado para se safar.” ⁷¹

Foi uma tarde perfeita para caminhar pelas Tuileries, como disseram mais tarde alguns parisienses. Finalmente conseguindo escapar da labuta opressiva a qual foram confinados por tanto tempo. Se não o todo de Paris, então certamente uma seção política específica de Paris, deu boas-vindas a esta tarde ensolarada de janeiro, com uma ferocidade normalmente reservada a seus tradicionais aperitivos vespertinos. O Jardin des Tuileries sempre foi, e permaneceu assim, um resort popular, e poucos puderam resistir à tentação de andar pelo Jeu de Paume em direção ao Place dela Concorde, para ir a um café nos Champs Elysées, pois embora fosse ensolarado, estava também amargamente frio. Eles puderam ainda observar o Tuileries Palace, construído por Catharina de Medici no século 16, que não sobreviveria ao ano 1871 quando foi saqueado e destruído pelos Communards.

Mas em vez disso permaneceu um testamento firme do poder dos Reis e Rainhas sobre seus súditos. Um poder monárquico que estava, sob a forma de Napoleão III, fazendo

uma tentativa desesperada de sobreviver ao transformar um Império autoritário em liberal, uma manobra tática, que como sabemos, não resultou bem e levou à proclamação da República, em 4 de setembro de 1870.

Mas as pessoas que andaram pelos Campos Elísios naquela fatídica tarde de janeiro, estavam ainda no Segundo Império e eles não tinham feito nenhuma conexão consciente entre o maravilhoso espetáculo que estavam para testemunhar e o terremoto político que aconteceu apenas poucos meses depois.

Poucas semanas antes, em 10 de janeiro de 1870, Victor Noire, do jornal republicano extremista *La Lanterne*, foi morto por Pierre Bonaparte, primo do imperador. Este evento perturbou profundamente o 'eterno' conspirador Blanqui, cujo ativismo republicano revolucionário o angariou uma ampla gama de seguidores dedicados. Ele subitamente percebeu que só conhecia pessoalmente seus tenentes, e que nunca havia visto de perto os homens que estes comandavam em seu nome. Efetivamente, ele nem mesmo sabia sua quantidade exata.

Querendo desesperadamente avaliar pessoalmente a força de suas tropas, contatou seu assistente de campo. O problema ficou óbvio. Eles não poderiam organizar uma parada de revolucionários como se fosse um exército militar regular. A solução, contudo, era igualmente óbvia. Você pode ocultar uma parada de revolucionários numa parada de caminhantes vespertinos.

Ele disse adeus a sua irmã, pôs uma arma no bolso e assumiu seu posto no Champs-Élysées. Ali a parada das tropas, das quais ele era o misterioso general, aconteceria. Ele conhecia os oficiais, agora eles veriam o homem que os liderava pela primeira vez, marchando em demonstração orgulhosa. Blanqui arregimentou suas tropas para inspeção sem que ninguém suspeitasse do que estava acontecendo. Na multidão que observava esta curiosa demonstração, *Le Vieux* continuou permanecer encostado numa árvore, observando seus amigos em silêncio, conforme estes se aproximavam em colunas. A caminhada foi momentaneamente transformada em avenida de parada.

No próprio ato de movimentação, os homens caminhantes tornaram-se soldados em marcha.

Soldados marchantes só teria de voltar da linha de volta à multidão para transformar-se de volta em caminhantes, e para todos os efeitos, caminhantes vespertinos numa tarde ensolarada de janeiro. A parada Blanqui dispersou-se tão rapidamente quanto emergiu. Os observadores insuspeitos foram deixados com seu fascínio, duvidando do que haviam visto. Havia testemunhado uma poderosa manifestação da existência de outra 'sociedade' que não tinha lugar institucional na organização política de seu tempo.

O mundo acobertado, representado pela parada de Blanqui, irrompeu num breve momento como um mundo aberto, num tempo e lugar onde menos se esperava. Naquele breve momento, com sua presença deliberadamente desmascarada, a parada acobertada coexistiu ao lado da caminhada óbvia, e foi difícil dizer qual era mais real, já que os atos físicos de caminhar e marchar parecem mesclar-se numa simultaneidade harmoniosa, revelando assim a assustadora chance de que eles possam ser intercambiáveis.

Com o desvanecer das fronteiras entre marcha e caminhada, ficamos cientes de como estamos posicionados num campo de visão, e que poderíamos construir o significado através da experiência da própria transgressão. Ao mesmo tempo, contudo, experienciar a transgressão fortalece nossas noções dos próprios atos, traduzimos o momentâneo – aquela mescla simultânea – em nossas noções cotidianas de caminhada e marcha.

No exato momento em que conseguimos a oportunidade de extrair sentido, perdemos

a oportunidade de integrarmo-nos com nossas próprias perspectivas.

Transcendendo oposições: Que significa isto?

Durante a Conferência *Recalling RFID*, de outubro de 2007, curada por Richard de Boer do de Balie, Sabine Niederer do INC e eu mesmo, notamos um homem sentado ao meu lado, suspirando pesadamente durante o debate entre Katherine Albrecht e Bart Schermer, orador da RFID Platform Netherlands. Esta organização almeja empurrar a RFID através de seu estágio logístico, em direção a uma aceitação mais ampla dos consumidores. Voltou-se para Hein Gorter de Vries, diretor estratégico da GS1 Netherlands. Ele acabou provando ser Hein Gorter de Vries, diretor estratégico da GS1 Netherlands. De acordo com seu site, GS1 “apoiava proativamente a implementação dos padrões globais GS1 e conceitos de colaboração, para alcançar um maior valor de eficácia de cadeia de distribuição e/ou qualidade”.⁷²

Convidei-o para o jantar dos oradores, durante o qual ele e Katherine Albrecht não tornaram-se exatamente amigos, embora tenham ambos estabelecido uma base para comunicação geral. Esta, afinal de contas, teria sido a intenção da Conferência, fazer com que os oradores principais em seus respectivos campos debatessem uns com os outros, e projetar um enquadramento onde as principais outras posições sobre segurança, privacidade, aplicativos para o consumidor, design e infraestrutura, pudessem compor o relato mais abrangente possível.

Após a Conferência, criei uma lista de e-mail, que subsequentemente cresceu. Agora temos mais de 46 membros desfrutando de um encontro bimensal na Waag Society em Amsterdã, ou no A + R RFID Lab em Den Haag. O grupo chama-se DIFR73, e busca nada menos que uma forma alternativa de observar RFID. Em seu coração, vemos algo que posso descrever como “paradoxo da confiança”. Ele faz a seguinte pergunta: como podemos projetar uma saída onde as pessoas precisam confiar no ambiente para que a Inteligência ambiente cumpra suas promessas, enquanto diz-se que eles estão ouvindo falar ao mesmo tempo que não podem confiar no ambiente?

Os integrantes variam do grupo den Rabdoub Nijmegen, que hackeou e clonou o cartão Mifare; Jaap Henk Hoepman; Tijmen Wisman da RFID Platform; Yolande Kolstee da KABK (AR + RFID Lab), Hein Gorter de Vries da GS1, Ben Schouten da Fontys Ambiente intelligence; Christian van 't hof do Rathenau Institute, Pieter Rotteveel da Medialab Amsterdam, e Paul Geurts de *Hello, My Name is E* (um aplicativo de troca de cartões de visita). Em suma: uma assembleia de um grupo que detém todas as posições cruciais sobre RFID.

É vital para o sucesso de uma rede assim a existência de uma rede de espaços independentes, que não originem emanando de uma universidade (que em minha opinião permanece restrito demais por seu output de papéis de pesquisa e PhDs), nem de companhias (que claramente traem conflitos de interesse) ou de governos (muitas agendas diferentes dentro de diferentes ministérios) ou indivíduos (que não garantem continuidade).

Na Holanda, o único lugar que poderia hospedar essa rede seria a Waag Society,⁷⁴ um laboratório de mídia que cresceu a partir da Digital City e Hacktic, nos anos 1990, preocupado então com o Domínio Público na Internet. Agora a sociedade se preocupa com o Domínio Público na Internet das Coisas, e como tal tem muita experiência profissional em como conectar e enquadrar as diferenças e oposições. Mais importante ainda, é um espaço para unir as pontas do espectro; os hackers e a indústria. Em 2005, Gil Wildman (Plot) e eu hospedamos com relativo sucesso um seminário sobre RFID no Design Council em Londres, que este intitulou *The Elephant in the Room: Bringing*

Innovation into RFID Applications. Falamos sobre como não havia dúvidas de que RFID tinha o potencial de ser uma tecnologia que muda paradigmas, todos ficaram gratificados quando conseguiram que a tecnologia funcionasse, e isto é bem difícil, mas eles não estão construindo nos pilotos as dimensões humanas que poderiam tornar os pilotos benéficos de modo mais amplo.

Foquei-me em passar *de privacidade para privacidades*, o que reconheceria o que num ambiente híbrido deixamos rastros diferentes e poderíamos querer construir personalidades temporárias sobre estes traços, não expondo nossa personalidade total o tempo todo. Uma das aplicações concretas foi focada na ideia de ter níveis de privacidade no celular, já que imaginamos que logo eles teriam leitores de RFID. Em termos de indústria, você teria um administrador de estilo de vida, em termos de ativismo da privacidade, o equivalente do RFID Guardian de Melanie – um firewall.

Em DIFR, estamos vendo as primeiras implementações reais de observar a RFID a partir da perspectiva do poder ao cidadão. Utilizando o RFID Guardian, a visão Radboud de revocabilidade e ideias de Moboubiq e principalmente de Christian van 't Hof como modelos mentais e reais de permitir certos marcadores que passem e bloqueiam outros, podemos negociar com as organizações padrão e as pessoas que rodam logística, pilotos em infraestruturas abertas: Um consumidor estabelece suas preferências de privacidade num perfil armazenado em seu celular. Se ele tiver o celular perto de um produto numa loja contendo um marcador RFID, o fone lerá o número do marcador. Então fará uma pesquisa (na internet, por GPS, UMTS ou WiFi) para conseguir a política de privacidade correspondente ao número do marcador. Unirá então a política de consumidor e marcador, e apresentará o resultado ao consumidor na tela do celular, de forma intuitiva e atraente.⁷⁵

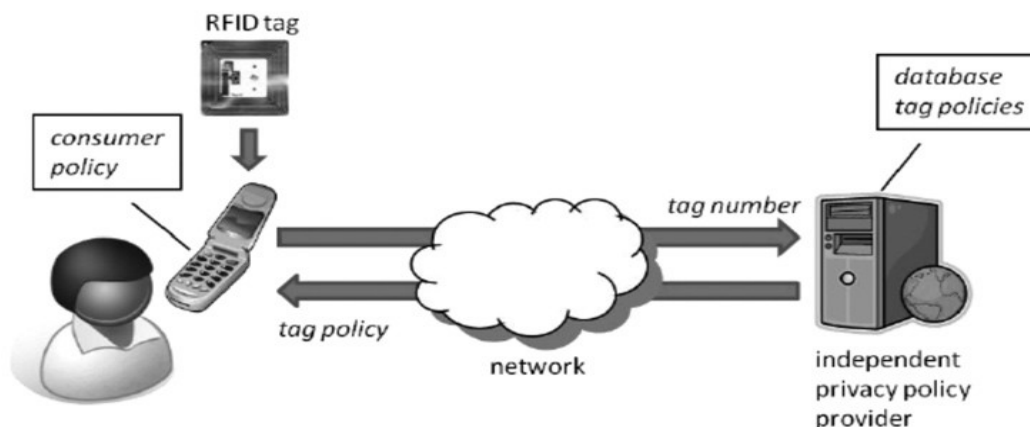


Figura 11 | Como tudo funciona: um modelo para RFID criado pelo grupo DIFRgroup

E se não não for tarde demais?

O que aconteceria se focarmos nos cracks dos sistemas de controle, ou ultrapassá-los e direcionarmos todas as nossas energias na negociação com nosso próprio poder de codificação e inteligência arquitetural, não apenas tornando-as menos perniciosas, mas ferramenta para que todos a utilizassem? E se realmente começarmos a focarmos na criação de uma infraestrutura aberta – e de código aberto – dentro de toda o espectro de frequência de rádio, desde o campo de comunicação local (NFC) até o sistema de posicionamento global (GPS)?

A única forma de conseguir uma Cidade da Confiança é começar localmente. Nunca conseguiremos saber se começarmos com nossas próprias casas, amigos, ruas e vilas.

Minha janela está sempre aberta.⁷⁶

Tilburg 1988 - Ghent, July 5, 2008

Rat's Alley, referência a The Waste Lands de T.S. Elliot.